

MATERIAL DIGITAL DE APOIO
À PRÁTICA DO PROFESSOR

Organização e coordenação pedagógica:
Maria José Nóbrega

ISBN 978-85-7568-150-3

LIVRO DO PROFESSOR

Bisa Bia, Bisa Bel

Ana Maria Machado



Ana Maria Machado

Bisa Bia, Bisa Bel

Ilustrações de Mariana Newlands



SUMÁRIO

CARTA AO PROFESSOR, 3

Um breve perfil de Ana Maria Machado, a autora, **5**

Um breve perfil de Mariana Newlands, a ilustradora, **5**

Comentários sobre *Bisa Bia, Bisa Bel*, **6**

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA, 7

PROPOSTAS DE ATIVIDADES, 13

Pré-leitura, **13**

Leitura, **14**

Pós-leitura, **18**

LER EM FAMÍLIA, 21

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 23

LEITURAS COMPLEMENTARES, 23





CARTA AO PROFESSOR

Querida professora, querido professor,

Houve um tempo em que aprender a ler era aprender a decodificar palavras. Acreditava-se que tão logo as crianças conseguissem decifrar os sinais gráficos nos anos iniciais de escolaridade, como em um passe de mágica, já saberiam ler qualquer texto. Os sentidos eram frutos maduros que o leitor colhia. Estavam lá pendurados nas linhas...

Sabemos hoje que ler é uma atividade bem mais complexa, não é?

Os sentidos que o leitor atribui às histórias decorrem das relações que ele estabelece entre as informações do texto e suas crenças, valores, vivências, enfim, entre o texto e seus conhecimentos prévios. Por essa razão é que a leitura é um diálogo. Leitura não é apenas decodificação, é também compreensão e crítica. Ao apreciar o que o texto diz, o leitor é capaz de compreender; ao se posicionar em relação ao que é dito ou ao como é dito, o leitor é capaz de produzir crítica.

Como prática de linguagem, a leitura é tanto uma atividade cognitiva quanto social. É uma atividade cognitiva por envolver complexos processos mentais realizados pelo sujeito leitor, como levantar hipóteses, recuperar informações, estabelecer relações e inferências, sintetizar, refletir sobre o plano do conteúdo ou da expressão. É uma atividade social por implicar a interação que o leitor estabelece com o autor, mediado pelo texto em uma situação comunicativa em que esses sujeitos têm seus próprios horizontes de expectativas.

Ensinar a ler, portanto, não é apenas tarefa do professor alfabetizador. É tarefa de todos os educadores da educação básica, da escola inteira.

Neste material, pretendemos apresentar algumas possibilidades para você criar condições para as crianças interagirem, a distância, com Ana Maria Machado por meio de uma novela escrita por ela: Bisa Bia, Bisa Bel. Pretendemos ajudá-lo ainda a atuar como mediador de leitura, isto é, alguém que apresente o livro às crianças, criando as condições necessárias para que esse encontro seja feliz.

Para que isso aconteça, é preciso não esquecer que a leitura literária é uma prática cultural de natureza artística, que busca promover prazer, incitar a imaginação, estimular a apreciação da linguagem, a reflexão sobre o mundo, sobre quem somos e a vida que se leva. Ler um livro didático para estudar e aprender ou ler um jornal para se atualizar envolve modos de ler bem diferentes do que ler livros de literatura, não é mesmo?

Como diz o poeta, é chegada a hora de contemplar as palavras...



Um breve perfil de Ana Maria Machado, a autora

Uma das maiores e mais queridas escritoras brasileiras, Ana Maria Machado começou a escrever para crianças em 1969, para a revista *Recreio*, tendo publicado seu primeiro livro em 1976. Sua obra já foi publicada em mais de vinte e seis países e já recebeu inúmeros prêmios no Brasil e no exterior – incluindo o prestigioso Prêmio Casa de las Américas, uma menção honrosa do Americas Award, nos Estados Unidos, o Prêmio APPLE, na Suíça, o Prêmio Cocori, na Costa Rica, e outros, na Venezuela, Colômbia e Argentina. Também foi agraciada com o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional, para romance, e recebeu, em alguns casos mais de uma vez, prêmios como: Jabuti, Prêmio Bienal de SP, João de Barro, APCA, Cecília Meireles, O Melhor para o Jovem, O Melhor para a Criança, Otávio de Faria, Adolfo Aizen.

No ano de 2000, Ana Maria Machado recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da Literatura Infantil e Juvenil. Em 2003 foi eleita para a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras e, nos anos de 2012 e 2013, assumiu a presidência da instituição. Ela também recebeu o Lifetime Achievement Award, na décima edição do Brazilian Press Award, um prêmio dado pela comunidade brasileira aos brasileiros cujo trabalho se destaca no exterior.



• Ricardo Fasanello

Um breve perfil de Mariana Newlands, a ilustradora

Mariana Newlands nasceu em 1974 e estudou Desenho Industrial na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Também estudou computação e *design* gráfico em Nova York e fez mestrado em Letras em Estudos de Literatura e Teoria Literária. Trabalhou no departamento de criação de vários *sites* e desde 2004 dedica-se ao mercado editorial e instituições culturais como *designer* gráfica, fotógrafa e ilustradora.

Comentários sobre *Bisa Bia, Bisa Bel*

Em um dos raros momentos em que sua mãe, não muito organizada, resolve arrumar a casa toda de uma só vez e remexer cantos há muito esquecidos, Isabel descobre um pequeno retrato de uma menina muito bem-arrumada que se parece um pouco com ela: é Bisa Bia, delicada como uma boneca, de vestido de renda. A partir da descoberta desse retrato, que Bel passa a levar consigo para todo canto, inicia-se uma convivência íntima entre a menina e sua bisavó, que ela nunca chegou a conhecer – sua bisavó passa a morar “dentro dela”, como diz a garota, num canto escondido do seu corpo, invisível para os outros.

Essa convivência, porém, será menos harmônica do que a princípio se poderia supor: Bisa Bia não consegue aceitar que Bel use calças compridas e brinque de pega-pega com os meninos. Uma outra voz dentro de Bel, porém, irá fazer frente às posições de Bisa Bia: a de Beta, bisneta de Bel, que nascerá num momento ainda distante no futuro, para quem ser mulher não significa de modo algum ser frágil e bem-comportada... Caberá à menina do presente encontrar o ponto médio entre as duas vozes que brigam dentro dela e fazer suas próprias escolhas.

Nesse livro, Ana Maria Machado apresenta aos leitores, de maneira inventiva e delicada, a questão da mulher e das diferenças de gênero, refletindo sobre as transformações dos papéis sociais de cada um dos sexos ao longo das gerações. A autora chama a atenção, sobretudo, para o fato de que as transformações profundas não se completam de um momento para o outro – elas se dão de maneira gradual. Cada geração, ao mesmo tempo que se projeta para o futuro e propõe novos parâmetros de comportamento, encontra-se ainda bastante influenciada por seu passado.

Ao mesmo tempo que Bel é uma menina independente e corajosa, às vezes também se sente frágil e quer ser protegida; ao mesmo tempo que adora brincar na rua com os meninos, diverte-se muito ao aprender a bordar. Às vezes, identifica-se com sua bisavó Bia, às vezes com sua bisneta Beta – e, outras vezes, ainda, sabe fazer calar por um momento as duas vozes contrastantes e encontrar a sua própria, sem precisar pender para um lado ou para o outro.

Desejamos a você e à sua turminha de pequenos leitores boa leitura!

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela

Palavras-chave: memória, sentimentos, papéis sociais

Componente curricular envolvido: Língua Portuguesa

Competências Gerais da BNCC: 3. Repertório cultural, 7. Argumentação, 9. Empatia e cooperação

Temas: Família, amigos e escola; Autoconhecimento, sentimentos e emoções

Público-alvo: 4º e 5º anos do ensino fundamental (categoria 2)

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A leitura é um processo de interação entre o texto e o leitor. Para atribuir sentido aos textos, os leitores não ativam apenas *conhecimentos linguísticos* (o vocabulário, a gramática da língua), mas também *conhecimentos extralinguísticos* (conhecimentos de mundo, enciclopédicos, históricos, culturais), que permitem compreender seus implícitos e subentendidos.

O sucesso do trabalho com a leitura nos anos iniciais depende, portanto, dos conhecimentos já construídos pelos pequenos leitores – iniciantes, em processo ou fluentes – para responder às dificuldades que enfrentam ao se relacionar com os diversos aspectos discursivos e linguísticos mobilizados pelos textos:

- o *gênero* (por exemplo, uma novela, por sua extensão, pode ser mais complexa do que um conto);
- a *seleção lexical* (a maior ou menor presença de vocábulos de uso pouco comum interfere no entendimento);
- a *organização sintática dos enunciados* (frases curtas em ordem direta tendem a ser mais facilmente processadas do que frases longas em que há constituintes invertidos ou intercalados);
- a *temática desenvolvida* (a maior ou menor familiaridade com o tema é fator decisivo para a compreensão e interpretação);
- a *explicitação das informações* (maior ou menor exigência para operar com o conteúdo que o autor pressupõe que o leitor domine influi nesse processo);
- o uso de *recursos figurativos* (maior ou menor emprego de elementos conotativos interfere no número de inferências exigidas do leitor).

Para os anos iniciais do ensino fundamental, Nelly Novaes Coelho, especialista em literatura para crianças, separa os estágios psicológicos da criança em relação à leitura em três categorias de acordo com a faixa etária. São eles:

- **leitor iniciante** (6-7 anos): nesse estágio, as crianças estão se apropriando do sistema de escrita alfabética e, aos poucos, vão ampliando seu domínio das correspondências grafofonêmicas. Livros ilustrados com textos breves são indicados para a leitura autônoma.

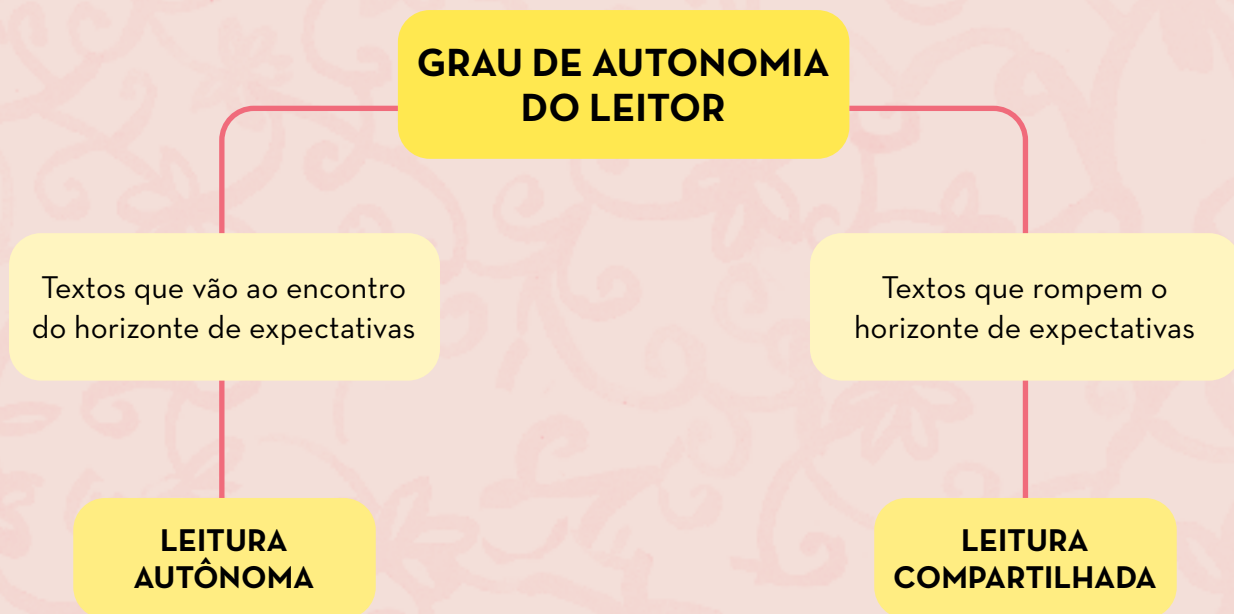
- **leitor em processo** (8-9 anos): nesse estágio, as crianças já compreendem o funcionamento do sistema de escrita. À medida que o processo de decifração se torna mais automático, podem apreciar os acontecimentos da história e refletir sobre ela. Para leitura autônoma, são indicados livros mais extensos em que haja diálogo entre o texto e as imagens.

- **leitor fluente** (10-11 anos): nesse estágio, as crianças leem com maior fluência, reconhecem diferentes gêneros e suportes textuais e já têm suas preferências literárias. Para leitura autônoma, podem ser indicados livros mais longos, com linguagem mais elaborada. Embora continuem apreciando as ilustrações, não dependem tanto delas para entenderem o texto.

Desse modo, o grau de autonomia dos pequenos leitores coloca limites claros para o tratamento que determinada obra pode receber. É por essa razão que não se recomenda a leitura de uma obra complexa em uma situação de *leitura autônoma*, isto é, aquela em que a criança lê sozinha. Em geral, para essas situações, sugerem-se títulos que vão ao encontro de seu horizonte de expectativas. Ao ler autonomamente, o leitor percorre o texto com os olhos, linha após linha, decifrando os sinais gráficos, formulando hipóteses provisórias até encontrar um sentido aceitável com base no que já leu, em seus conhecimentos linguísticos e discursivos e nas estratégias de leitura que domina. Se o sentido não está de acordo com o que havia compreendido, retrocede ou avança no texto até esclarecer a inconsistência. Se o sentido obtido soluciona o problema, é assimilado ao anterior, resultando em uma síntese mental do texto.

Porém, para que mobilize capacidades de leitura cada vez mais complexas, é preciso que também possa ter contato com obras que rompem esse horizonte, encarando o desafio de ler livros de maior complexidade. Para situações como essa, recomenda-se a *leitura compartilhada*, isto é, uma atividade social em que o texto é lido pelos educadores ou familiares com as crianças. A leitura compartilhada favorece a reflexão e a discussão dos textos lidos. É um momento dedicado à troca de impressões e de opiniões, à apreciação do plano do conteúdo (o que o texto diz) ou do plano da expressão (como o texto diz). Para que essa interação amplie as possibilidades de compreensão e de apreciação estética, é fundamental a mediação de um leitor experiente que estimule a observação de aspectos do texto que podem passar despercebidos, confronte diferentes interpretações, formule questões desafiadoras. Trata-se de um momento privilegiado para colocar as crianças em contato com textos e autores que, provavelmente, não leriam sozinhas.





Quadro 1. Seleção de obras em relação ao grau de autonomia do leitor e as práticas de leitura

Além de selecionar obras ajustadas ao grau de autonomia das crianças e às práticas de leitura, é importante não perder de vista diferentes modos de ler: leitura extensiva (ou horizontal) ou leitura intensiva (ou vertical).

A *leitura extensiva* se caracteriza pelo ato de ler muitos textos de modo rápido, muitas vezes devorando o livro com grande sofreguidão. Esse modo de ler permite a ampliação de repertório, a formação de uma cultura literária a partir da experiência.

Já a *leitura intensiva* se caracteriza pelo ato de ler e reler textos já conhecidos para que o leitor possa se apropriar de algumas características da linguagem escrita, apreciar o texto com calma.

Que adulto, com experiência de ler para crianças, nunca ouviu um “de novo” ao virar a última página do livro? Essa paixão dos pequenos pela leitura intensiva tem um valor didático inestimável. Permite que, ao se darem conta da estabilidade da escrita, percebam a diferença entre contar uma história e lê-la; permite também que possam recontar a seu modo, oralmente ou por escrito, histórias conhecidas, apropriando-se da linguagem que se usa para escrever.

Leitura extensiva ou horizontal: ler um número amplo de textos, promovendo a leitura lúdica da obra literária.

Leitura intensiva ou vertical: ler, várias vezes, o mesmo texto, visando a uma compreensão de seu funcionamento.

Quadro 2. Modos de ler

Ao planejar o trabalho com a leitura literária na escola, é possível traçar múltiplos roteiros. As questões e sugestões apresentadas no quadro 3 abrem possibilidades para uma rica e variada experiência de leitura no ambiente escolar, bastando apenas combinar os elementos sugeridos.

Questões norteadoras para o planejamento	Algumas sugestões
<p>O que se lê e como vai ser a escolha?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Obras escolhidas pelo professor. • Obras escolhidas pelas crianças a partir de seleção prévia do(a) professor(a) ou do(a) bibliotecário(a). • Obras escolhidas pelas crianças a partir de critérios propostos pelo(a) professor(a) ou bibliotecário(a) (um livro de determinado gênero, assunto ou autor; um livro de uma mesma coleção ou série etc.). • Escolha livre da criança.
<p>Quem lê para quem?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura autônoma (leitura silenciosa). • Leitura em duplas. • Leitura em voz alta do(a) professor(a) para a turma. • Leitura compartilhada do(a) professor(a) com a turma. • Leitura em voz alta de um aluno ou alunos para a turma. • Leitura em voz alta de um aluno ou alunos para um auditório de convidados (leitura pública).
<p>Onde se lê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Na sala de aula. • Na biblioteca escolar ou sala de leitura. • Em um espaço ao ar livre na escola. • Em espaços públicos da cidade. • Em casa.

<p>Quando se lê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Todos os dias (no início ou final do dia, após o intervalo etc.). • Uma vez por semana. • Após a realização das tarefas escolares.
<p>Como se compartilha o que se lê?</p>	<p>Atividades orais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa sobre a obra. • Reconto oral. • Dicas de leitura. • Entrevista simulada com personagens da obra. • Entrevista com outros leitores da obra. • Leitura dramática. • Encenação baseada no enredo da obra. <p>Atividades escritas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cartaz de apreciação. • Diário de leitura. • <i>Blog</i> literário. • Resenha. • Produção de texto (reconto, decalque, autoria).

Quadro 3. Orientações para o planejamento do trabalho com a leitura literária na escola

Compreendendo método como um conjunto de procedimentos que organiza o trabalho pedagógico, respostas a essas perguntas trazem implícitas decisões metodológicas sobre o ensino da literatura no ambiente escolar e revelam o conhecimento que o(a) professor(a) tem sobre os processos de aprendizagem das crianças em relação às práticas de leitura. Se resultado de uma ação coletiva dos educadores, essas escolhas permitem transformar a escola em uma verdadeira comunidade de leitores.





PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Pré-leitura

As atividades sugeridas nesta seção favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão da obra, além de provocarem o desejo de ler o livro com o propósito de verificar se as expectativas de leitura se confirmam ou não.

01. Apresente às crianças o título do livro e deixe que elas, com o auxílio da ilustração da capa, procurem antecipar um pouco o conteúdo da narrativa. Provavelmente, não vão demorar a perceber que bisá é uma maneira carinhosa de dizer bisavó. Mas estimule-as a ir mais longe: Que história imaginam que o livro conta? Quem seriam as duas bisavós do título?
02. Leia com a turma o texto da quarta capa. No terceiro parágrafo, lê-se: “Três tempos e três vivências que se cruzam e se completam numa só pessoa: a menina Isabel”. Que tempos e vivências seriam esses? Que características separariam cada um deles? Estimule os alunos a traçar hipóteses.
03. Ainda na quarta capa, lê-se: “Partindo de uma história original e repleta de sensibilidade, leva o leitor a perceber as mudanças no papel da mulher na sociedade brasileira”. Tomando essa frase como ponto de partida, proponha uma discussão: Qual é o papel da mulher no Brasil atual? É possível dizer que homens e mulheres têm as mesmas oportunidades?
04. Pergunte às crianças quem conhece ou chegou a conhecer os bisavós. Deixe que discorram um pouco sobre sua relação com eles. Proponha a discussão: É difícil conviver com alguém muito mais velho? Por quê?
05. Proponha que cada criança traga para a classe fotografias de seus bisavós. Reserve um tempo para que contemplem os retratos trazidos pelos colegas. Que impressão cada um dos retratos lhes traz? Quais as diferenças de aspecto entre uma fotografia antiga e as modernas fotografias digitais?

Leitura

As atividades propostas estimulam o leitor a confirmar ou reformular suas antecipações a respeito do conteúdo, além de apoiá-lo na construção dos sentidos do texto.



© Mariana Newlands

01. Leia com toda a classe o texto de abertura da página 5. Depois, faça uma releitura, pausando em cada parágrafo para uma conversa sobre o conteúdo do texto.

Sabe?	<ul style="list-style-type: none">• A quem se dirige a pergunta que abre o livro? Será que as crianças se dão conta de que é um modo de a narradora-personagem abrir uma conversa com o leitor?
<i>Vou lhe contar uma coisa que é segredo. Ninguém desconfia. É que Bisa Bia mora comigo. Ninguém sabe mesmo. Ninguém consegue ver.</i>	<ul style="list-style-type: none">• Por que o fato de a Bisa Bia morar com a Bel é um segredo? Veja se as crianças se dão conta de que a Bel morar com a bisavó só vira um segredo porque ninguém a vê.
<i>Pode procurar pela casa inteira, duvido que ache. Mesmo se alguém for bisbilhotar num cantinho da gaveta, não vai encontrar. Nem se fuçar debaixo do tapete. Nem atrás da porta. Se quiser, pode até esperar uma hora em que eu esteja bem distraída e pode espiar pelo buraco da fechadura de meu quarto. Pensa que vai conseguir ver Bisa Bia?</i>	<ul style="list-style-type: none">• Veja se as crianças notam, na primeira frase, certa provocação que se dirige ao leitor, o mesmo a quem Bel anuncia que vai contar um segredo. Será que ela imagina que o leitor pode estar desconfiando dela?• Chame a atenção para os lugares em que Bel desafia o leitor a tentar encontrar a Bisa Bia: num cantinho da gaveta, debaixo do tapete, atrás da porta... Se você tivesse que procurar uma pessoa na casa de alguém, esses seriam bons lugares para procurar? Veja se as crianças percebem que a relação de lugares faz parte da provocação que a menina faz ao leitor.• O parágrafo termina com uma frase interrogativa. É uma dúvida genuína da personagem ou nova provocação ao leitor?
Vai nada...	<ul style="list-style-type: none">• Essa frase, isolada em um único parágrafo, não deixa dúvida.
<i>Sabe por quê? É que Bisa Bia mora comigo, mas não é do meu lado de fora. Bisa Bia mora muito comigo mesmo. Ela mora dentro de mim. E até bem pouco tempo atrás, nem eu mesma sabia disso. Para falar a verdade, eu nem sabia que Bisa Bia existia.</i>	<ul style="list-style-type: none">• Veja ainda se percebem que a nova pergunta que abre o parágrafo é do tipo que não pergunta nada: apenas introduz a explicação do motivo de ela ter certeza de que ninguém vai encontrar nada.• Estimule as crianças a explicar como entenderam os motivos apresentados por Bel.

02. Considerando o grau de autonomia leitora dos alunos em relação à obra, avalie se será mais produtivo avançar lendo de forma compartilhada ou autônoma. Qualquer que seja a sua escolha, prepare um cartaz, como o

do modelo, para organizar o trabalho e permitir a compreensão da trama, conectando cada capítulo com o que veio antes e antecipando o que pode acontecer com o desenrolar da história em rodas de conversa.

Título do capítulo	Data programada para a leitura
No fundo de uma caixinha	
Pastel bochechuda	
Tatuagem transparente	
Conversas de antigamente	
Meninas que assoviam	
Um espirro e uma tragédia	
A dona da voz misteriosa	
Trança de gente	




© Mariana Newlands



03. Informe às crianças que, durante a leitura de cada capítulo, vão entrar em contato com muitas palavras novas, principalmente termos que se referem ao tempo em que vivia a Bisa Bia. Explique que as palavras, além de variarem de uma região

a outra, mudam com o tempo, porque o mundo também muda.

Sugerimos que organize um mural ilustrado para ir registrando esses termos à medida que a leitura for avançando. Por exemplo:

SÉPIA	 <p>© Susan Law Cain/Shutterstock</p>	<p>Fotografia ou gravura em preto e branco que, por um processo químico de preservação, adquiriu um tom acastanhado, da mesma cor da secreção de moluscos da ordem <i>Sepiida</i>.</p>
CRISTALEIRA	 <p>© Rudnitskaya Anna/Shutterstock</p>	<p>Móvel de sala envidraçado no qual se guardam ou se expõem diferentes objetos.</p>
PIQUE-BANDEIRA	 <p>© Isabela Jordani</p>	<p>Nesse jogo, uma bandeira é colocada no fundo do campo de cada time. Para começar a partida, alguém deve dizer “a bandeirinha arreu”. O objetivo é roubar a bandeira do time adversário e trazê-la para o seu campo. Porém, ao entrar no campo adversário, se o jogador for tocado por alguém, fica preso no lugar.</p>

04. Estimule-os, enquanto leem o texto, a descobrir quais são, afinal, os três tempos de que fala a quarta capa do livro. Quais das hipóteses se confirmam e quais não? Adiante que em cada um dos três tempos há uma personagem emblemática.

05. O texto da quarta capa, que os alunos já leram, anuncia antecipadamente que o livro vai abordar o papel da mulher ao longo do tempo. Peça que atentem para isso, percebendo as diferentes concepções de feminino que se cruzam no decorrer do livro.

06. Embora o foco principal do livro esteja no papel das mulheres, a narrativa também se debruça, ainda que menos intensamente, sobre as mudanças de comportamento dos homens. Há uma personagem do livro, em particular, que simboliza essa mudança. Desafie os alunos a identificar qual é.

07. Enquanto leem, estimule-os a atentar para as ilustrações de Mariana Newlands, procurando descobrir sua relação com o texto escrito.



Pós-leitura

São propostas atividades para promover a compreensão da obra, o diálogo entre os leitores, entre a obra e outros textos, e entre outras linguagens; propostas inspiradas no trabalho do autor ou do ilustrador, além de atividades de alfabetização.

01. Antes de abrir a rodada de atividades cuja finalidade é permitir a discussão sobre os sentidos do texto e o aprofundamento dos temas suscitados pela leitura deste livro, assista com as crianças ao vídeo complementar a esse material. Certamente, ficarão motivados para expressar seus pontos de vista e ouvir os dos colegas, afinal, o olhar dos outros sempre sugere novas possibilidades interpretativas.
02. Ao final do livro, as crianças devem ter percebido quais são os três tempos que se cruzam em Isabel, que ela intercala “igualzinho a quando faço uma trança no meu cabelo”: Bisa Bia, ela própria e Neta Beta. Proponha uma conversa com a turma: Que aspectos da menina estão representados em cada uma de suas três partes? Será que se pode dizer que todos nós somos, de algum modo, como Isabel, tentando descobrir como viver intercalando os resquícios do passado e as expectativas do futuro?
03. Sugira que realizem a atividade proposta por Dona Sônia: reunir os retratos de seus bisavós e pesquisar um pouco sobre o tempo em que viveram. O que acontecia no Brasil naquela época? Como as pessoas se vestiam? Como eram decoradas suas casas? Estimule-os a reunir o máximo de informações possível – vale pesquisar tanto em livros antigos ou na internet como conversar diretamente com os parentes.
04. Assim como nos diz o livro, a mudança no papel das mulheres é algo bastante recente, data da segunda metade do século XX. Antes disso, era impensável que mulheres e homens possuísem os mesmos direitos. Peça aos alunos que realizem uma pesquisa sobre os movimentos feministas que, especialmente a partir dos anos 1960, tornaram essas mudanças possíveis.
05. Muito se fala a respeito das transformações do papel da mulher; porém, no que diz respeito às mudanças na imagem masculina, tudo se deu de maneira mais tímida e menos pontual. O livro aponta para uma mudança ao apresentar a figura de Vítor, um dos novos alunos da classe, que, nas

palavras de Isabel, era o *menino mais corajoso que tinha conhecido*, por não ter medo de chorar na frente da turma toda. Discuta um pouco esse assunto com os alunos: O que pensam de frases como “homem não chora”, ainda hoje recorrentes? Será que hoje em dia os homens se sentem mais livres para demonstrar seus sentimentos como Vítor?

06. Para preparar-se para discutir as muitas transformações do século XX, marcado por radicais maneira de viver, assista ao filme *Nós que aqui estamos por vós esperamos*, de Marcelo Masagão, que retrata essas transformações, com incrível sensibilidade, ao recolher uma quantidade enorme de imagens de arquivo e documentos para retratar essas mudanças não do ponto de vista de celebridades e figuras históricas, mas, sim, da perspectiva de gente comum. Muitos dos temas abordados por Ana Maria Machado também figuram no documentário.

Esse cuidado qualificará a mediação de leitura, promovendo uma rica discussão da obra.

07. Isabel comenta, numa das passagens do livro, que as palavras e expressões mudaram tanto que por vezes parece que ela e sua bisavó não falam a mesma

língua. Proponha à turma que faça um levantamento das palavras e expressões que usam em seu cotidiano e pesquise com seus pais e avós expressões antigas. Perceber as enormes diferenças entre as duas listas vai ser, no mínimo, curioso.

08. Por fim, sugira que realizem a tarefa proposta por Vítor no final do livro, aprovada pela professora Sônia: imaginar como será o mundo de seus netos e bisnetos. Seria mais interessante ainda fazer como Ana Maria Machado e comparar esse mundo do futuro com os tempos atuais e com os tempos antigos. Para isso, sugira aos alunos que escrevam um diálogo imaginário entre eles mesmos, um de seus bisavós ou bisavós e uma bisneta ou bisneto.
09. Depois que os diálogos estiverem prontos, convide alguns dos alunos a, se desejarem, lê-los em voz alta para o restante da classe.
10. Como forma de finalizar essa sequência de atividades, pode ser interessante realizar a leitura compartilhada do paratexto. Sintetizar as reflexões produzidas permite consolidar as aprendizagens sobre a autora, o livro, além de reconhecer as características que vinculam o texto a um gênero específico.

DICAS DE LEITURA

Que tal ler mais livros da mesma autora?

- *Raul da ferrugem azul*. São Paulo: Salamandra.
- *Ponto a ponto*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Amigo é comigo*. São Paulo: Moderna.
- *Bem do seu tamanho*. São Paulo: Salamandra.
- *De olho nas penas*. São Paulo: Salamandra.
- *Bento que bento é o frade*. São Paulo: Salamandra.
- *Era uma vez um tirano*. São Paulo: Salamandra.
- *De carta em carta*. São Paulo: Salamandra.



© Mariana Newlands

Que tal ler mais sobre o mesmo gênero ou assunto?

- *Vovô Gagá*, de Márcia Abreu. São Paulo: Moderna.
- *A ilha do vovô*, de Benji Davies. São Paulo: Salamandra.
- *O passarinho da vovó*, de Benji Davies. São Paulo: Salamandra.
- *O Outono do Álamo*, de Kazumi Yumoto. São Paulo: Martins Fontes.
- *Mari e as coisas da vida*, de Tine Mortier. São Paulo: Pulo do Gato.
- *Histórias de avô e avó*, de Arthur Nestrovski. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Vovó-delícia*, de Ziraldo. São Paulo: Melhoramentos.
- *A casa do meu avô*, de Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática.



LER EM FAMÍLIA

7

razões para ler com as crianças

A experiência com a leitura literária não acontece apenas na escola. É importante que os educadores procurem sensibilizar as famílias para a importância dos livros de literatura no desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças.

Para apoiá-las nessa tarefa tão importante, compartilhe estas dicas:

1 Escutar histórias lidas em voz alta e conversar sobre livros desenvolve a inteligência e a imaginação.

2 Os livros enriquecem o vocabulário e o domínio de estruturas linguísticas próprias da língua escrita.

3 As imagens, informações e ideias dos livros ampliam o conhecimento de mundo.

4 Quem tem o hábito de ler conhece melhor a si próprio e compreende melhor os outros.

5 Ler de forma compartilhada é divertido e reforça o prazer do convívio.

6 Os vínculos afetivos entre as crianças e os adultos que leem para elas são mais profundos.

7 A leitura deixa as crianças mais tranquilas, ajuda-as a conquistar autoconfiança e poder de decisão.

Conheça o depoimento de Mônica Rodrigues, atriz e mãe, ao ler para seus filhos *Bisa Bia, Bisa Bel*.

“Igual pegando na mão, né, mãe?”

Minha filha Luara, de 5 anos, arregala os olhos enquanto ouve a parte final de *Bisa Bia, Bisa Bel*, cuja leitura tínhamos iniciado dias antes. Além do irmão Miguel, de 10 anos, se juntou a nós a amiga Eliza, de 7 anos. Decidimos que, dessa vez, não leríamos tudo de novo, mas contaríamos com nossas palavras o que já havíamos lido, para contextualizar a Eliza. “Igual pegando na mão”, foi como Luara sintetizou a experiência. As palavras brotaram fáceis e com animação: “Ela tinha uma foto da bisavó dela, que começou a conversar com ela. Parecia que já tinha morrido, mas não estava morta, porque falava com a Bel”.

Após os comentários e a releitura de alguns trechos, retomamos o livro, pois a ansiedade já começava a carregar o ar. Havíamos interrompido a história, quando a menina Bel começava a escutar outra voz dentro de si: a de sua futura bisneta, Beta! O encontro entre essas duas forças causa faísca entre as meninas. Miguel, observador, acompanha a leitura muito sério.

A história de Ana Maria Machado traz consigo um exercício poderoso de reconhecimento da ancestralidade, assim como realça a percepção da importância da grafia do futuro. Como numa aventura de ficção científica, realizamos a proeza de viajar no tempo e reencontrar os laços de que somos feitos, que nos forneceram tutano, brilho e gostos; e, em outro salto temporal, a autora nos coloca diante da generosa responsabilidade de também dar a mão aos que nos seguirão no futuro.

Contudo, esse poderoso encontro entre as duas bisavós dentro de Bel não acontece de forma idealizada. A autora não oferece uma imagem romantizada e sem conflitos desses encontros, pelo contrário. Ela não esconde os atritos entre concepções de épocas e experiências humanas tão diferentes. Isso faz com que as bisavós vivas dentro de Bel se tornem cada vez mais próximas, mais humanas. Por meio da escuta ampliada das escolhas, dos afetos e desafetos das personagens, Ana Maria Machado propõe o acolhimento e o exercício do não julgamento, criando uma espécie de “arena para o diálogo” entre essas personagens intergeracionais.

Ao final da leitura, Miguel, visivelmente emocionado, faz o primeiro comentário: “Que pena que eu não tenho um avô, ou bisavô vivo!”. A saudade daquilo que não viveu bateu forte, o abracei, sem querer impedir ou frear sua emoção. Luara e Eliza se manifestaram prontamente. Fizeram diversos comentários ao mesmo tempo, sobre a história, sobre um sonho, a casa da avó de uma delas e, claro, a viagem para o futuro, porque no futuro tem carro voador e, com toda certeza, ônibus espacial.

Após esse momento, Luara olha atentamente para o irmão e diz: “Miguel, mas o nosso bisavô está vivo. Que nem a bisa da Bel”. Elisa intervém: “Acho que, agora, você precisa achar uma foto dele, para ele começar a falar com você”. Nessa hora, quem se emocionou profundamente fui eu. O fato de Miguel sentir-se acolhido não só pelo meu abraço de mãe, mas também pela irmã e pela

amiga que dizem, sem pestanejar, que a continuidade da presença afetiva do bisavô está nele, e que é possível nos reconectarmos a essa essência, é um imenso conforto e alívio, no qual o sentimento do pertencimento se faz possível.

Tenho certeza de que foi uma das histórias mais emocionantes que já lemos juntos até agora. A poesia presente nas ilustrações de Mariana Newlands ressalta a percepção da plenitude dos indivíduos, repleta de afetividade.

(Todos os links de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 30 ago. 2021)

Reunir partes distintas de nós que antes nunca haviam “conversado”, reafirmando a importância do presente, é uma das ricas percepções que saboreamos quando fechamos o livro. Perceber a existência desse tesouro inesgotável em nossas ascendências e descendências e com ele reconhecer os laços belos e fortes que estão sendo tecidos antes, agora e depois não é pouca coisa. Basta que, para isso, nós façamos o inesperado gesto de estender os braços e sermos levados pela mão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília (DF): Ministério da Educação, 2018.

Documento de caráter normativo, homologado em dezembro de 2018, a BNCC define as aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas ao longo da Educação Básica, de maneira que se supere a fragmentação das políticas educacionais e se garanta um patamar comum de aprendizagem a todos os estudantes do Brasil. A BNCC não deve ser vista como um currículo, mas como um conjunto de orientações para nortear as equipes pedagógicas na elaboração dos currículos locais.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2002.

Nesse livro, uma das principais especialistas do Brasil em literatura infantil propõe-se a responder a algumas questões: Em que consiste a natureza específica da literatura infantil e juvenil? Qual é sua intencionalidade? Que valores transmite? Qual é a situação dessa criação literária no Brasil atual?

FILME:

NÓS que aqui estamos por nós esperamos.

Direção, roteiro e produção: Marcelo Masagão.

[S. l.]: Agência Observatório, 1999. 1 DVD (73 min).

O documentário de Marcelo Masagão pode ser definido como um filme-memória sobre as profundas transformações que o mundo sofreu ao longo do século XX, utilizando imagens de diferentes fontes, documentais e ficcionais.

LEITURAS COMPLEMENTARES

MACHADO, Ana Maria. Balaio: livros e leituras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

A obra é composta de três grandes blocos de textos que, segundo Marisa Lajolo, focalizam questões como os mistérios da escrita, a cultura do livro, a leitura literária, a literatura na educação etc., reunidos em ensaios, artigos, discursos, entrevistas e cartas.

MACHADO, Ana Maria. Uma rede de casas encantadas. São Paulo: Moderna, 2012.

Cinco ensaios em que a escritora Ana Maria Machado discorre sobre literatura, literatura infantojuvenil, poesia e o seu processo de criação literária com base em sua trajetória de mais de cinco décadas como escritora, educadora, intelectual e jornalista.

